

LUSTRE DE CARNE



# lustre de carne

RENATA FLÁVIA



© moinhos, 2019.

© renata flávia, 2019.

edição: camila araujo & nathan matos

revisão: literaturabr editorial

diagramação e projeto gráfico: literaturabr editorial

capa: renata flávia & sérgio ricardo

nesta edição, respeitou-se o novo

acordo ortográfico da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F589l

Flávia, Renata

Lustre de carne / Renata Flávia. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

108 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-45557-88-3

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Flávia, Renata. II. Título.

2019-462

CDD 869.1

CDU 821.134.3(81)-1

---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva — CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Poesia 869.1

2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

todos os direitos desta edição reservados à

editora moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

## Apresentação

Era um blog, um exercício, um desabafo, vida, literatura, música, uma montanha de coisas amontoadas, assim o Lustre de Carne nasceu em 2007.

Eu construí o Lustre de dentro de uma sala entulhada de coisas que deviam ser descartadas e junto de outras que eu valorizava. Ali tinha o computador, discos, fitas, CDs, livros dos meus pais, uma estante do chão ao teto com tanto papel e treco que entortava um pouco; eletros para consertar, poeira, tapete velho, poltrona velha, vitrais em duas portas que davam pra uma sacadinha de princesa — mesmo sem ter um andar, plantas lá fora, luz amarela e o lustre laranja tipo um abacaxi sem coroa que pende uma afiada ponta ameaçadora. Eu amo esse lugar.

Eu deitada embaixo do lustre sempre pensando que ele pudesse despencar. Meu corpo ali inerte e vulnerável a tudo. É com carne que escrevo, não consigo arrumar isso às vezes, porque escorre e sinceramente acredito na falha, acredito nela, no sentido de ter fé na falha e é somente por isso que tenho vontade de publicar.

Não acaba a construção de uma escrita, não há tempo suficiente para acharmos a medida certa, é como eu penso. Então aqui vai meu amontoado, litros de antiguidades, dois dedos de novidades e um horizonte.

Entre textos proseados e os versos, caminho nessa cidade que sempre foi minha paisagem, imersa demais nesse meu descobrir. Era confundindo que eu me localizava, fosse no pensamento, fosse nas praças. Tentei criar uma lógica nesse caminho, mas deixei que se fizessem cortes e espasmos assim como era o Lustre como um diário, como os dias: uma busca.

março, dois mil e dezenove  
ao sul de Teresina

Renata Flávia





eu te deixo a cinza do momento em que te coloquei via globo ocular dentro do meu corpo. eu te deixo o minuto exato em que descobri que correr na chuva molha mais que simplesmente andar com ela. deixo meu legado de amores perdidos, as dores, meu passado e seu peso, meu passado e suas glórias, meu passado e o que não passa. te deixo a fruta esquecida na geladeira – aquelas que se escondem no fundo das gavetas. te deixo o instante em que a saudade doeu na ponta dos meus dedos, aquelas tardes frias em que me embrulhava em lágrimas pensando como pude partir. te deixo meus recados nas secretárias eletrônicas, meus poemas em guardanapos, meus sonhos em pedaços de papel. eu te deixo meu tesouro guardado em caixas de sapato, minhas cartas não enviadas, meus segredos improváveis e o que disse, em silêncio, no escuro do quarto. deixo meu cheiro na tua casa, para que decida o que fazer com o resto de mim. te deixo meus livros rabiscados, usados, grifados nas frases que sonhei em dizer para alguém e também para ti. guardo em teu poder meus pequenos desejos não realizados, meus extratos bancários. a chave da porta da casa que um dia foi nossa, deixo nas tuas mãos as marcas que deixei nela, em suas portas, em suas janelas. a sujeira das paredes, a tinta descascada e suas histórias. eu te deixo o amassado do lençol, a marca da minha cabeça na almofada, o lado mais fundo da cama, meu pijama, todas as minhas calças. te deixo parte do medo, para que penses antes de fazer, deixo a pressa, as frases repetidas, minhas músicas favoritas. te deixo todas as melodias que guardei. é para ti que dou os fios dos cabelos que ficaram no pente, no chão, na cama. eu

te deixo tudo para que fique comigo assim por todos os cantos que olhares, iluminados com um lustre feito com a minha carne.

qualquer visão te sugará



1.

sonhos devaneios  
de cada ano acumulados na mesma couraça,  
tempos intermináveis de espera  
se transformaram em espinhos  
que afiados novamente me espetam  
é que eu sempre vivi meio passado e meio futuro  
– o agora sempre curto –  
acúmulos,  
preciso ser interminável

2.

tem poucas coisas que consigo me lembrar tão bem  
consigo cheirar a dor daquela tarde seca  
eu escrevia para você  
e adivinhava o silêncio  
como resposta  
sinto a pontada  
o medo  
as mão geladas  
a dor fotografa, paralisa pra sempre aquilo  
eu tive certezas claras na mão  
como água eu dizia

como água

eu escorria

### 3.

oca  
impermanente é a existência  
as pernas nada carregam  
move-se sobre escombros  
um corpo é cicatriz  
oca  
na amplitude desaparecida  
doa-se e fica a mímica  
vazia e assim  
oca  
movimentos em vão

4.

temo os objetos que tens nas mãos  
os imagino barcos  
te levam te levam  
pra lá pra lá pra lá  
não bate contra as ondas assim,  
por favor  
você rema pra longe  
seus olhos, seus dedos  
eu noto com medo  
pra lá pra lá pra lá

5.

às vezes eu abro um livro  
aleatória  
buscando alguma redenção  
uma resposta  
minha poesia não vai salvar ninguém  
por mais que todas as dedicatórias  
estejam escritas  
nem essa, nem ninguém  
esses livros não me salvam  
eu imploro  
abro três, quatro  
não me salvam  
gritam amontoados  
– ache a resposta sozinha  
e eu vago em linhas  
pensando que o poema  
nos salvará um dia  
não vai  
ache a resposta sozinha

6.

a cabeceira da cama guarda triturados pesadelos  
partículas cosmo de sonhos que finjo esquecer,  
você seguraria meus braços quando estremeço?  
eu não tenho o limite marcado,  
de areia turva são feitas as extremidades,  
o que habita longe de quando estou acordada  
quase sempre fica disperso na realidade

7.

encarar  
com o pouco que se tem  
a sede

8.

desconfio que há na falha  
a perfeita exuberância  
uma força muito mais corajosa  
que a graça lisa de uma certeza  
a falha, esta fera  
indomável por natureza  
doma meus poemas  
tanto quanto  
doma minhas pernas  
desconfio que está nela  
a nossa original beleza